



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na inauguração do novo terminal de passageiros do aeroporto de Cruzeiro do Sul e cerimônia de assinatura de ordem de serviço de início das obras sobre a ponte do rio Juruá**

**Rio Branco - AC, 28 de abril de 2009**

Eu, agora, tenho uma desculpa quando chegar em casa às duas horas da manhã. Quando a dona Marisa reclamar por que eu cheguei tão tarde, eu falo: foi o Binho Marques que falou bastante. Então, quando você encontrar com ele, desconte no Binho e não em mim.

Eu vou ser curto. Eu já prometi trazer o Ronaldão aqui e eu nem sei se ele vai estar no Corinthians quando nós construirmos o campo. Do jeito que ele está jogando, Jobim, o que vai acontecer? O Dunga já está pensando em quem vai contratar, convocar para centroavante para a Copa de 2010. Se o Ronaldão continuar jogando assim, certamente vai vir um time estrangeiro... Eu espero que seja um time, quem sabe, brasileiro, que possa ficar com o Ronaldão. De qualquer forma, se ele não puder vir jogar aqui, como eu fui quase profissional, posso vir aqui e mostrar para vocês como se joga bola.

Eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro Binho Marques, governador do estado do Acre, e sua companheira Simony D'Ávila,

Quero cumprimentar o ex-governador Jorge Viana,

Quero cumprimentar o ministro da Defesa, Nelson Jobim,

Quero cumprimentar o vice-governador, César Messias,

Quero cumprimentar o deputado Edvaldo Magalhães, presidente da Assembléia Legislativa do Acre,

Quero cumprimentar o senhor Pedro Ranzi, presidente do Tribunal de Justiça do estado do Acre,

Quero cumprimentar o senador Tião Viana,



Os deputados federais Fernando Melo, Gladson Cameli, Iderlei Cordeiro e Perpétua Almeida,

Quero cumprimentar o senhor Jorge Velásquez, presidente regional de Ucayali, no Peru,

Quero cumprimentar o presidente da Infraero, brigadeiro-do-ar Cleonilson Nicácio,

Quero cumprimentar o prefeito de Cruzeiro [do Sul], Vagner Sales,

Quero cumprimentar o companheiro Paulo Sérgio, secretário executivo do Ministro dos Transportes,

Quero cumprimentar cada companheiro, cada companheira de Cruzeiro do Sul e do estado do Acre,

Na verdade, eu não vou precisar do discurso, recolha aqui. Eu vou apenas dizer poucas palavras. Vou ficar aqui do lado do Tião. Se eu falar demais, ele puxa a minha camisa e eu sei que está na hora de parar e ir embora.

Eu queria... Binho, possivelmente, em 1979, 1980, você devia ser muito menino, porque na fotografia que eu tirei quando vim aqui, que a sua esposa estava, também menina, você nem aparecia na foto.

Tem algumas coisas que a gente vai aprendendo na vida, e eu queria falar sobre isso, sobretudo porque tem muita gente jovem aqui. Eu descobri, na campanha de 1989, quando eu perdi as eleições, que o Brasil era tão grande, que não era possível alguém que não conhecesse o Brasil, governar o Brasil. Eu me lembrava de que nos anos 80, quando eu viajava pelo Brasil, só tinha um presidente da República que as pessoas se lembravam que ele tinha viajado muito com um aviãozinho que pousava na água, que era o presidente Juscelino Kubitschek. Às vezes eu chegava em Oriximiná, no Pará, e as pessoas diziam: “Sabe quem pousou aqui uma vez? O Juscelino Kubitschek”.

Eu descobri que era preciso conhecer o Brasil. Vocês, jovens, vocês,



deputados estaduais, vocês que são representantes da Justiça, os nossos companheiros das comunidades indígenas, os professores, precisam compreender que é muito difícil alguém de São Paulo, alguém do Rio, alguém de Brasília, alguém do Rio Grande do Sul, alguém da Paraíba, alguém de Pernambuco, alguém que só conhece a sua região ganhar uma Presidência, assumir Brasília e imaginar que essa pessoa vai ter uma preocupação com os estados mais longínquos. Às vezes não é nem má-fé, às vezes não é nem falta de vontade, às vezes é desconhecimento da realidade existente neste país. E como os governantes trabalham cedendo aos grupos de pressão, que fazem pressão todo santo dia, normalmente a gente vai cedendo, para fazer as coisas, [a] quem tem mais força, sobretudo os estados maiores populacionalmente e os estados mais ricos deste país.

Essa é uma coisa muito verdadeira. Se uma bancada de São Paulo chega junto com uma bancada do Rio Grande do Sul ou junto com uma bancada de Minas Gerais, para reivindicar um dinheirinho que está no fundo do tacho, o último... a rapa do tacho, podem ficar certos de que esses estados irão levar o dinheiro e não o Acre, Rondônia ou o Amazonas, porque esses estados grandes têm mais deputados e esses estados grandes, portanto, têm mais força política. Esse é um dado concreto. Isso vale para o prefeito – os vereadores de uma região maior fazem mais pressão –, isso vale para um sindicato – os trabalhadores de uma fábrica maior têm mais ascendência dentro do sindicato – e assim por diante.

Eu tive a sorte de perder muitas eleições. Eu poderia estar aqui reclamando, que perdi muitas eleições. Mas eu tive sorte, e hoje eu agradeço a Deus por ter perdido tantas eleições, porque a cada eleição que eu perdia, em vez de desanimar, eu saía às ruas com mais vontade para encontrar explicações de por que eu tinha perdido as eleições, e tentar renovar os meus conhecimentos para ver se na próxima eu ganhava.

Ao mesmo tempo, eu resolvi participar de algumas coisas que marcaram



a minha vida. Aqui deve ter muita gente, Binho, que em 1978 não era nascido. Eu estou falando de 31 anos atrás. Há 31 anos eu vim aqui por conta da morte do companheiro, em 1980, Wilson Pinheiro de Souza. Era um dirigente sindical lá de Brasília que tinha sido eleito no Sindicato e, num conflito de terras, ele apareceu morto na porta da casa dele. Deram um tiro nele dentro da casa dele. Eu vim fazer um ato de protesto. Era uma noite muito nervosa, muitos policiais nas ruas, muitos boatos, muita gente armada. Até os companheiros não queriam que eu fosse àquele ato. E lá estava eu, o Chico Mendes, o João Maia, o Jorge Viana e tantos outros companheiros aqui, lá naquele caminhão, protestando. Lá eu disse uma frase, eu disse uma frase que me custou um processo. Esse processo me levou a Manaus e eu fui condenado a três anos e meio de cadeia. Por quê? Porque naquele ato eu disse que eu estava cansado de participar de velórios de companheiros trabalhadores assassinados, e que era preciso que a gente pensasse, porque estava chegando a hora da onça beber água. Eu falei isso, Jobim, e fui embora. Quando eu chego em São Paulo, os trabalhadores mataram um fazendeiro, que supostamente eles desconfiavam que era o assassino do dirigente sindical. Eis que a acusação contra mim é que a frase “tá chegando a hora da onça beber água” era a senha para os trabalhadores matarem o cara que tinha matado o dirigente sindical. Não tinha nada a ver, mas por conta disso eu fui condenado.

O juiz que proferiu a sentença contra mim disse o seguinte - o meu advogado era o nosso companheiro Sepúlveda Pertence e o Luiz Eduardo Greenhalgh. O Chico Mendes não tinha advogado, porque a Contag não contratou advogado para ele. Nós emprestamos um advogado para o companheiro Chico Mendes, e um companheiro do Acre também defendeu ele - naquele dia, o juiz falou o seguinte: “Nós precisamos condenar o senhor Luiz Inácio Lula da Silva, não porque ele anda armado de revólver, não porque ele anda armado de rifle, não porque ele usa metralhadora, nós temos que condenar o senhor Luiz Inácio Lula da Silva porque ele tem uma língua muito



[ferina], e por isso ele precisa ser condenado”. Eu acho que foi a primeira pessoa condenada por causa da língua, a primeira pessoa condenada por causa da língua. Graças a Deus, graças a Deus, passados dois anos – obviamente que eu não fui preso porque eu era réu primário – eu fui julgado no Superior Tribunal Militar, em Brasília, e eu fui absolvido pelo Superior Tribunal Militar, em Brasília.

Depois de passados dois anos desse episódio, eu estava no Rio de Janeiro de férias com a minha mulher, em Cabo Frio, dia 22 de dezembro, quando eu recebi a notícia: acabaram de assassinar o Chico Mendes. Eu estava com a Marisa e com as crianças. Eu falei: espera aí, como é que eu vou dizer para a dona Marisa que eu vou acabar com as minhas férias para ir lá em Xapuri, ela não sabia onde era Xapuri. Mas eu já tinha ido várias vezes de carro, de Rio Branco até Xapuri, no tempo que era uma poeira desgraçada, que a gente ia assoar o nariz e saía um tijolo, vocês estão lembrados da quantidade de poeira que tinha naquela estrada.

Pois bem, eu vim a Xapuri, nós viemos em cinco companheiros, chegamos em Rio Branco, pegamos o monomotor. Chegamos em Xapuri, não tinha campo de aviação, era quase como se fosse um campo de futebol cheio de água. E aquele piloto sozinho dentro do aviãozinho, chovendo para desgrça, a gente não enxergava nada, e ele falava: “Pode deixar que eu conheço”. A gente falava: “mas quem gosta das nossas vidas somos nós, meu filho”. Bem, aí fiquei lá... cheguei lá, tinha um movimento protestando contra quem tinha matado o Chico Mendes. Cheguei lá, fiz um discurso e voltei imediatamente. No caminho, a chuva aumentou. Pela primeira vez, Jobim, eu vi pessoas dentro do avião, junto comigo, que eram ateus, mas no medo todo mundo vira católico, vira cristão. Eu sei que era só o piloto que a gente não deixava rezar porque ele tinha que estar segurando no negócio do avião, mas eram cinco marmanjos agarrados, uns na mão do outro, rezando Pai Nosso e Ave Maria para não cair no meio daquela mata, que a gente não enxergava um



metro quadrado. Quando nós chegamos de Rio Branco, que nós conseguimos ver a pista... tem gente pagando promessa até hoje porque o medo foi muito grande.

Eu estou contando isso apenas para dizer para vocês que eu tenho uma identificação com este estado pela história deste estado. Este estado aqui, Jobim, e o seu estado, o Rio Grande do Sul, são os dois únicos estados em que o povo é capaz de cantar o hino do estado em praça pública. Eu sempre me emocionei quando vinha ao Acre ou quando eu ia ao Rio Grande do Sul e via o povo cantar o Hino Nacional. Eu nunca vi isso em nenhum outro estado da Federação, nunca vi, só nesses dois estados: Rio Grande do Sul e o estado do Acre. Porque eu acho que foram os dois estados que tiveram mais embates, este aqui porque foi conquistado com muita luta, e o Rio Grande do Sul porque teve muita batalha para se transformar em um estado considerado o mais politizado do País.

Então, eu aprendi a gostar de vocês, aprendi ... tem uma história que eu não contei para vocês. Eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, em 1979, e no Sindicato eu saía todos os dias às 8h e um belo dia, a minha secretária fala assim para mim: “Lula, tem duas pessoas que querem conversar com você aí”. Era mais ou menos seis horas da tarde. Aí eu falei: o que eles querem? Abri a porta e perguntei: o que vocês querem? Tinha um matuto de bigode, baixinho, feinho, e tinha outro meio galego. Eu falei: esperem aí. O que vocês querem? “Queremos conversar sobre o partido, sobre o PT”. O PT era um movimento ainda, nem era partido. Aí eu falei: olha, eu não converso sobre política no Sindicato. Naquele tempo eu tinha muito medo que fosse a Polícia Federal que estava lá. E eu falei: olha, eu não converso sobre partido aqui. Vocês me esperem, depois das oito, quando eu sair, nós vamos ao bar do Gordo. O bar do Gordo era o lugar em que a gente tomava alguma coisa. Ora tomava uma 51 com limão, ora tomava uma cervejinha, naquele tempo em que eu era jovem.



Então, terminou o expediente, eu fui lá, conversei com os dois companheiros, eles pediram umas fichinhas, eu dei as fichinhas, e marcamos uma vinda minha. Eu descobri que aqueles dois, um era o companheiro João Maia e o outro era o companheiro Chico Mendes. O João Maia era advogado da Contag e o Chico Mendes era o nosso companheiro dirigente sindical, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade de Xapuri.

A partir daí, acho que quase todos os anos eu vim ao estado do Acre. Acho que todos os anos ou a cada um ano e meio, eu vim ao estado do Acre. Mas não apenas ao Acre. Eu passei a visitar os estados, e se vocês pegarem o mapa do Brasil, pegarem o mapa do Peru, pegarem o mapa de qualquer país, vocês vão perceber uma deficiência dos governantes que governaram este país. De vez em quando apareciam pessoas magistras, como o Marechal Rondon que, na tarefa de fazer correio neste país, ele percorreu e conheceu coisas que muitos governantes não conheceram. Peguem o mapa do Brasil quando chegarem em casa, e vocês vão analisar o quê? Em 500 anos de história, o Brasil só cresceu a parte marítima, a costa marítima. Isso vale para a aviação. O Jobim, esses dias, levou um mapa para a gente discutir a aviação regional. Também a aviação regional é pela costa marítima, é de capital em capital. Somente o Juscelino, em 1955 é que foi para Brasília, levar para o Centro-Oeste, e o Brasil começou a se desenvolver no meio. Mas as fronteiras estavam esquecidas. O Peru também – aqui tem um governador do Peru – só cresceu na costa marítima. Então, as pessoas que moram nas fronteiras foram ficando esquecidas, e o País foi enricando na beira do mar e empobrecendo nas suas fronteiras. O Brasil tem quase 16 mil quilômetros de fronteira. Vejam o absurdo, companheiros: em 500 anos de existência do Brasil, a primeira ponte entre Brasil e Bolívia, fomos nós que fizemos aqui no Acre, na cidade de Brasiléia. E vejam que absurdo: em 500 anos de existência de Brasil e Peru, a primeira ponte fomos nós que fizemos, aqui também no estado do Acre. As pessoas não se importavam com as nossas fronteiras.





Nós agora resolvemos que é preciso integrar o Brasil e integrar a América do Sul. Nós temos um estado como o Acre, que está mais perto de Lima, no Peru, do que de Brasília ou do que de São Paulo. O Peru produz tomate aqui perto do Acre, que poderia vender para cá, cebola. Mas ela sai daqui, Jobim, vai até São Paulo para, de São Paulo, voltar para o Acre. Volta muito caro, volta muito caro. Então, nós precisamos fazer essa integração para que a gente possa vender aos estados peruanos perto do Acre aquilo que a gente produz no Acre, e a gente comprar dos estados peruanos aquilo que eles produzem. Gera mais empregos, gera riqueza, gera desenvolvimento e vai gerar crescimento econômico para o Peru e para o Brasil, para o Brasil e para a Bolívia, para a Bolívia e para os outros países com quem nós fazemos fronteira.

Nós estamos fazendo essa integração. Quero ver se antes de terminar o meu mandato, eu venho a Assis Brasil. Quero pegar um carro e me encontrar com o presidente Alan García lá em Lima – de carro – porque aí está garantida a integração. Estamos fazendo uma ligação da Bolívia, também pela Interoceânica, para que a Bolívia também possa se integrar nisso. Aí, a gente pode pegar um carro, sair de Cruzeiro do Sul, atravessar o estado do Acre sem nenhum problema. São 600 quilômetros de Rio Branco até aqui. Não é possível que a gente não respeite estas pessoas que moram aqui, e isto aqui ter que ser tratado como se fosse o fim do mundo.

Eu queria pegar aqui o Ministro dos Transportes. O que ele tem de pequeno, tem de inteligência e tem uma mulher que é uma cantora extraordinária. Um dia eu recebi o Binho lá no Palácio do Planalto. Aí o Binho me leva um projeto de cinco pontes, e o Binho fala assim para mim: “Presidente, veja o que fizeram conosco. Eu apresentei a proposta da estrada. Agora, a estrada... tem cinco rios aqui”. Eu já vi os nomes aqui, que o Binho falou. “Tem o rio Juruá, que é este aqui; tem o Tarauacá, tem o Envira e tem o Purus. Agora, Presidente, o asfalto chega à beira do rio, pára e começa do





outro lado. É como se Deus fizesse a coxa, fizesse a perna e não fizesse o joelho. Não valia nada a nossa perna. Ia ser uma perna que não ia permitir que a gente andasse”.

Aí, este menino aqui teve a compreensão de que a gente não pode exigir, muitas vezes, aquilo que o Tribunal de Contas exige da gente, que acha que um metro de pedra no Acre custa igual a um metro de pedra no Rio Grande do Sul ou em Brasília. Eles têm que perceber que um saco de cimento comprado em Manaus, para chegar aqui leva muito tempo, custa mais caro. Então, se essas pessoas não andarem pelo Brasil, elas vão pensar que é tudo em São Paulo, vão pensar que é tudo em Minas, tudo no Rio ou tudo lá em Brasília. Não é. É preciso conhecer a realidade deste país.

Eu falei: Paulinho... Aí inventaram que a ponte era estaiada. “Para que ponte estaiada nesse rio?” Ponte estaiada só em São Paulo, só em Brasília, aquelas pontes bonitas, com um monte de arcos para cima, levantados. Ora, por que não pode ter, aqui neste rio, uma ponte estaiada? Por que não pode ter? Por que não pode ter um aeroporto bonito como este? Por que não pode ter um hospital de qualidade?

Então, eu falei: Paulinho, é preciso colocar dinheiro para fazer o joelho da [BR] 364, só perna e coxa não dá certo. Agora eu chamei o Paulinho aqui para dizer o seguinte: o Binho ficou naquela: “É, porque se chover, a gente não vai inaugurar”. Eu queria dizer para você meu querido e para o Binho: eu termino o meu mandato no dia 31 de dezembro do ano que vem, e eu quero inaugurar essas obras antes de deixar o meu mandato. Quero porque...

As coisas no Brasil são muito demoradas. O Jobim foi deputado constituinte comigo, o Jobim foi constituinte comigo. A verdade é que o Brasil passou muito tempo sem crescer a economia e a gente foi criando instrumentos de fiscalização, nós fomos criando regras e leis para dificultar quem estava governando governar, porque isso é um defeito desgraçado de quem é oposição. Quem é oposição pensa somente em fazer leis para dificultar



quem está governando. Se Juscelino Kubitschek resolvesse construir Brasília hoje – ele construiu em cinco anos, na verdade em três anos – se ele resolvesse construir Brasília hoje, ele não teria conseguido licença ambiental para fazer a primeira pista para pousar o aviãozinho que levou ele lá. Mas a culpa não é do meio ambiente, como a gente fala, a culpa... somos nós. Eu fui deputado, a culpa é do perfeccionismo que nós fazemos [quando] fazemos a lei. E depois nós temos o Tribunal de Contas, que também cria uma série de problemas, até certo ou errado, pode estar até certo, mas não pode ficar oito ou nove meses para dar um parecer. Se está errado manda parar, fazer nova licitação e acabou. Mas às vezes demora dois anos.

Eu vou contar uma coisa para vocês que é triste. Esses dias... a gente está fazendo um grande viaduto no Rio Grande do Sul, ligando a BR-101, que vai trazer muita gente da Argentina para o Brasil e muita gente do Brasil para a Argentina, de Osório à Palhoça, em Santa Catarina. Esse túnel tem mil e poucos metros, e encontraram do lado do túnel uma perereca. Todo mundo aqui sabe o que é uma perereca. Pois bem, e aí resolveram fazer um estudo para saber se aquela perereca estava em extinção. Aí teve que contratar gente para procurar perereca, e procure perereca, e procure perereca... Sabem quantos meses demorou para descobrir que a perereca não estava em extinção? Sete meses, a obra parada. Eu espero que aqui no Acre não apareça nenhuma perereca na ponte do rio Juruá. Não é possível. A gente tem São Pedro que, de vez em quando, faz chover pouco, e a gente reclama. Aí, de vez em quando, faz chover demais, e a gente reclama. Ele também deve estar cansado porque a gente nunca se conforma com nada. Se está frio, a gente reclama; se está calor, a gente reclama; se chove, a gente reclama; se não chove, a gente reclama. Ele fica meio pirado: o que esse povo quer? Então, eu vou pedir aqui, de público, a São Pedro que, pelo amor de Deus, não faça chover muito para a gente acabar a nossa ponte, São Pedro, e acabar a nossa estrada. São Pedro, eu acho que é meio acreano e meio corinthiano. Eu acho



que ele vai ajudar nessa história da ponte.

Nós estamos aqui anunciando um monte de obras, um monte de coisas. Eu desci no aeroporto agora. Amanhã tenho uma reunião com o ministro Jobim, e nós já percebemos que o aeroporto de Rio Branco, a pista, está um “bagacito”, está um “bagaço”. É até bom o Brigadeiro, o Presidente da Infraero estar aí – nós vamos levantar voo juntos – para ele perceber que nós vamos ter que fazer algumas coisas para melhorar aquele aeroporto. Agora, vejam a humilhação: o aeroporto de Cruzeiro do Sul está melhor do que o aeroporto da capital. Essa é uma realidade, que nós vamos ter que consertar. E, assim mesmo, a gente conserta uma coisa, atrapalha outra, a gente conserta...

O importante é que a gente está fazendo a integração deste país, ligando a Amazônia, ligando o Acre, ligando todos os estados. Agora vamos fazer a BR-119. A BR-119 foi feita em 1970 – BR-319 – ela foi feita em 1970. É uma estrada que liga Porto Velho a Manaus. Essa estrada já foi asfaltada. Agora esqueceram, por desleixo, o mato comeu e agora o Meio Ambiente está aqui dando uma confusão desgraçada para dar a licença para a gente fazer uma estrada que já existia. Eu já falei: se for preciso fazer ponte com jacaré, nós fazemos; se for preciso fazer escadinha rolante para o bichinho que sobe, nós fazemos; se for preciso colocar placa para onça, para quem quiser, nós fazemos. O que nós precisamos é fazer a estrada para ligar Manaus a Porto Velho.

Por isso, meu querido Binho, eu estou feliz de estar aqui, porque este aeroporto... Eu quero uma fotografia dele de cima e uma fotografia de frente. É lógico que ele não é maior do que o aeroporto de Frankfurt, não é maior do que o aeroporto de Miami, mas eu tenho certeza de que não tem nenhum aeroporto que retrate a cara da região como este aeroporto, representando uma oca indígena, representando aquilo em que mora o povo que era dono deste país. Portanto, eu quero uma fotografia para utilizar como cartão postal onde eu estiver.



No mais, é o seguinte. Na outra vez em que eu vim aqui, em 2004, eu prometi fazer o campo. Nós passamos o dinheiro para cá. A prefeitura teve dificuldades... O prefeito era este companheiro aqui, que hoje é vice-governador. Nós tivemos problemas porque teve problemas no terreno, então não pôde feito o campo. Quando eu desci no aeroporto, agora, perguntei: cadê o campo? Agora o Binho prometeu que vai fazer o campo, porque eu senti, da outra vez que eu vim aqui, que falta espaço para a juventude brasileira jogar bola aqui em Cruzeiro do Sul. Este aqui é um couro vegetal, gente. Não é uma bola qualquer. Isto aqui eu vou levar para o Ricardo Teixeira e falar: imagine se o Ronaldão jogasse com uma bola dessas, quantos gols ele não faria no Campeonato Paulista. Eu acho que o campo... Se a gente não acabar o campo, Jorge, como é que o Acre vai querer ser sede da Copa do Mundo? Por isso é que nós temos que fazer o campo aqui, meu filho. Joga em Rio Branco e treina aqui em Cruzeiro do Sul. Depois, se a gente não fizer o campo aqui, qual é a chance que a gente tem de ver um menino destes ir para a Seleção brasileira? Ou uma menina destas ir para a Seleção brasileira?

Portanto, meus queridos companheiros e queridas companheiras, meus queridos companheiros empresários aqui presentes, eu já enchi demais. Muito obrigado. Que Deus abençoe vocês, e parabéns pela conquista de vocês.

(\$211A)